



Conhecimento Indígena:

- Plantas Medicinais e receitas usadas contra a COVID-19 no Rio Negro •





Remédios e saberes indígenas do Alto Rio Negro contra a Covid-19

Essa publicação é fruto da nossa oficina “Plantas medicinais e práticas tradicionais utilizadas pelos indígenas de São Gabriel da Cachoeira (AM) no combate à Covid-19”, realizada pela Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (ASSAI) entre os dias 1 e 3 de setembro de 2020.

Nós indígenas do rio Negro reforçamos durante a pandemia de Covid-19 em 2020 o valor que nossa medicina e nossos saberes ancestrais têm. Nós usamos muitos remédios feitos com plantas, cipós, raízes, folhas, tudo tirado dos nossos quintais ou da floresta. Nesse momento de angústia para toda humanidade, esse conhecimento foi fonte de cura, esperança e resistência diante de uma doença desconhecida que não tem cura.

Assim, quando estávamos todos muito apavorados com a pandemia de Covid-19, começou a ter uma intensa troca de receitas de remédios para gripe reforçados com outros recomendados para problemas intestinais, quadros inflamatórios e respiratórios mais graves.

Os grupos de WhatsApp em São Gabriel da Cachoeira viraram





verdadeiros consultórios médicos de fitoterapia indígena! Para enfrentar a Covid-19 usamos chás, banhos, defumações e benzimentos. E muitas pessoas se curaram da doença usando esses medicamentos, tanto indígenas quanto não indígenas. Assim, percebemos que nós mesmos criamos defesas e junto com a medicina ocidental e a melhoria da infraestrutura de saúde na nossa região, nos unimos para enfrentar a pandemia.

No encontro feito na Assai nas manhãs dos dias 1 e 3 de setembro de 2020, tivemos a chance de pela primeira vez pessoalmente trocar saberes sobre as receitas usadas contra a Covid-19. Nossas associadas e associados se reuniram depois do isolamento para debater presencialmente e mostrar um pouco de toda sabedoria indígena que foi usada para fortalecer a saúde e espantar a doença. Convidamos as parceiras do Instituto Socioambiental (ISA) para estarem conosco e nos apoiarem na realização dessa publicação.

Nossa intenção é deixar registrado e passar para as futuras gerações a importância de fortalecermos nossos conhecimentos sobre plantas e práticas para manter uma boa saúde. Assim, em futuras pandemias, nós indígenas do rio Negro saberemos ainda melhor como lidar com uma nova doença. Acreditar e valorizar nossos conhecimentos é um grande aprendizado deixado por essa pandemia assustadora.

Deixamos aqui nossa homenagem em memória aos 105 mortos pela Covid-19 nos municípios de Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira. Ao todo nos 3 municípios foram registrados oficialmente 9.931 casos da doença. Esses registros são acumulados até o dia 24 de novembro de 2020.

Lembramos que até termos a vacinação, continuaremos nos prevenindo e tomando as medidas necessárias para nos protegermos dessa doença. Assim como também usando nossas “máscaras invisíveis”, que são nossos benzimentos e conhecimentos tradicionais.

Boa leitura!

Cecília Barbosa Albuquerque – etnia Piratapuia, fundadora e ex-coordenadora da Assai

Janete Mara Martins – etnia Tariano, Coordenadora da Assai

Cledson Gomes Moreira – etnia Tariano, vice-coordenador da Assai



Principais Plantas

Confira abaixo o arsenal usado contra a Covid-19 pelas artesãs da Assai e alguns dos vários usos mencionados na oficina (em ordem alfabética):

- **Alho e Folha de Alho**

Alho: tempero, gripe, tosse e para espantar encanto. Pode ser usado em casos de derrame, sendo necessários sete dentes colocados em álcool.

Folha de alho: serve para banho de proteção contra doença, sobretudo em crianças.

- **Boldo**

Para fortalecer o fígado, combater falta de ar e dor de estômago. Também auxilia no processo de desintoxicação do organismo e combate o alcoolismo.

- **Capim-Santo**

Calmante, banho para crescimento de cabelo, gripe e diarreia.

- **Carajiru**

Cicatrizante, anemia e usado no pós-parto (chá).

- **Carapanaúba - Casca de Carapanaúba (árvore da floresta)**

Diabetes, inflamação e malária.

- **Coca (Padu)**

Prisão de ventre e empachamento e estimulante.

- **Cubiu**

Pressão alta e gordura no fígado.

- **Jambu**

Febre, tosse, catarro, inchaço, infecção e lombriga.





• **Hortelã**

Gripe, vermes, febre e banho para proteção do recém-nascido.

• **Limão**

Gripe, ferroadada de caba e picada de jararaca.

• **Louro**

Diminui a gordura no estômago.

• **Mangarataia ou Gengibre**

Gripe, tosse e dores no corpo.

• **Maracujá**

Calmante, pressão alta e diabetes.

• **Mastruz**

Gripe, catarrão no peito e vermes (lombriga).

• **Mucuracá (Folha de Mucura)**

Banho para criança.

• **Folha de Pirarucu**

Gripe, ferida, câncer e dor de estômago e tersol.

• **Quebra-pedra ou Pobre-Velho**

Pedras nos rins e infecção urinária.

• **Saracura (cipó)**

Inflamação e diarreia e fortalecimento do fígado.

• **Folha de Saratudo (ou Folha de Sangue)**

Cortar efeito de envenenamento.

• **Sucuba - Casca de Sucuba (árvore da floresta)**

Colesterol, gordura no sangue e diabetes.

• **Umiri - Casca de Umiri (árvore da floresta)**

Usado para controlar pressão alta.

• **Planta "Vick"**

Dor de cabeça, febre, dor de garganta.



Outros remédios

- Mel
- Casa de tachi (espécie de formiga que faz sua casa em árvores) para banho e chás
- Caranha (resina de árvore) para defumação
- Breu Branco ou Xicantã para defumação de proteção





Cubiu

Limão

Alho

Gengibre





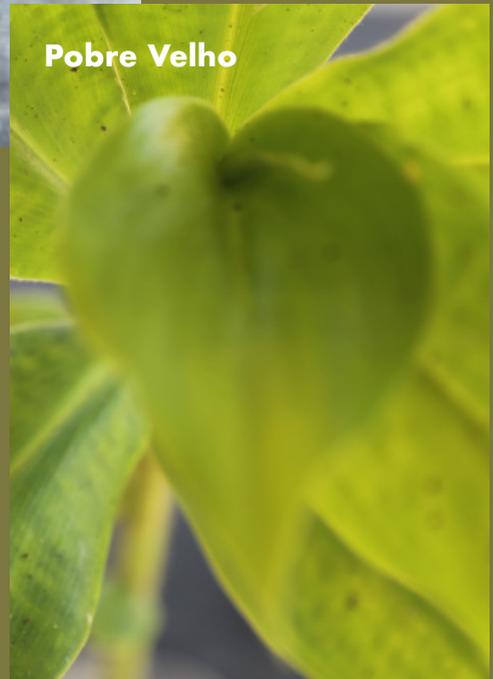
Pirarucu



Cera de Abelha



Pobre Velho



Capim-Santo





Padu



Jambu



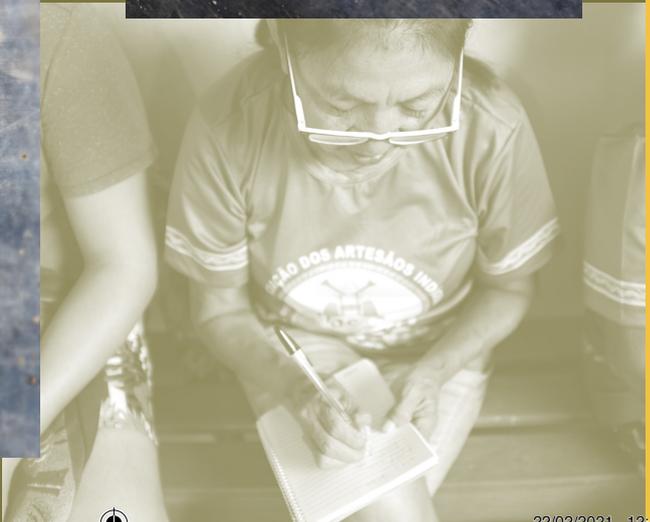
Saracura



Saratudo



Louro





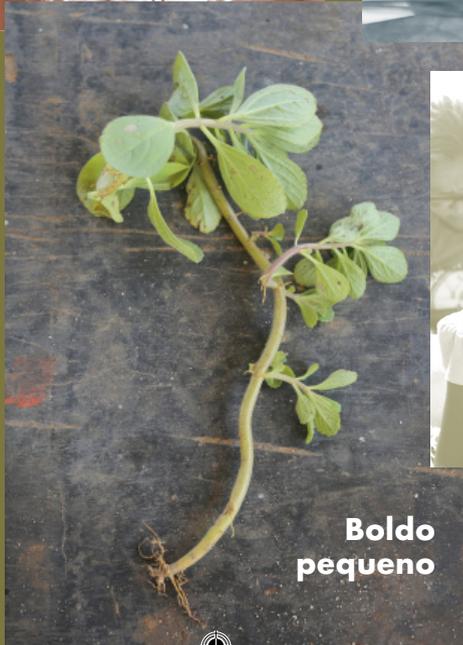
Mucura



Boldo



Mastruz



**Boldo
pequeno**





Receitas de chás utilizados contra a COVID-19

• Chá de jambu com limão

(*Maria da Silva Luciano, etnia Baré*)

Ingredientes

5 limões

1 pedaço de mangarataia (gengibre) no comprimento de 1 dedo

1 dente de alho amassado

2 ramos de jambu

½ litro de água

Modo de preparo

Misture todos os ingredientes em uma panela. Leve ao fogo alto. Deixe ferver durante 5 minutos. Tapa e deixa abafar. Tomar morno várias vezes ao dia.

• Chá de jambu com capim-santo

(*Maria Martins, etnia Kubeo*)

Ingredientes

1 rama de jambu

5 folhas de capim-santo

1 dente de alho grande

2 limões

Modo de preparo

Em uma panela coloque 900 ml de água, folhas de jambu e capim-santo. Amasse bem o alho. Corte cada limão em quatro pedaços. Coloque o alho e o limão na água. Deixe ferver por 5 minutos ou até sentir o cheiro do chá. Tomar 3 vezes ao dia.

• **Chá de Vick**

(*Maria das Dores Pádua, etnia Tariana*)

Ingredientes

10 folhas de Vick

Modo de preparo

Prepara o chá com água e 10 folhas da planta vick e ½ litro de água.

Toma uma colher 2 vezes ao dia.

Também pode cheirar quando sente dor de cabeça.

• **Chá de boldo**

(*Aparecida Batista da Costa, etnia Baré*)

Ingredientes

3 folhas de boldo

Água

Modo de preparo

Coloque em uma panela 1 litro de água e as três folhas de boldo.

Deixe ferver por três minutos. Tomar três vezes ao dia, sempre quente.

• **Chá de jambu e outras folhas com mel**

(*Araci Cordeiro, etnia Baré*)

Ingredientes

1 colher de mel

1 gengibre

1 punhado de jambu

2 dentes de alho

2 limões descascados

3 folhas de abacate

3 folhas de algodão roxo

Modo de preparo

Coloque 2 litros de água em uma panela. Acrescente todos os ingredientes. Deixe ferver por 10 minutos. Em seguida coe e coloque o mel.

• **Chá de manga com hortelã**

(*Araci Cordeiro, etnia Baré*)

Ingredientes

2 folhas novas de manga

1 limão

1 colher de mel

1 punhado de saratudo

Modo de preparo

Coloque todos os ingredientes em uma panela com 1 litro de água e deixe ferver por 5 minutos.

• Bebida de Mastruz

(Araci Cordeiro, etnia Baré)

Ingredientes

1 punhado de mastruz (que dê para encher uma mão)

2 copos de leite

5 folhas de hortelã

Modo de preparo

Bater todos os ingredientes no liquidificador e, em seguida, coar.

• Bebida de saracura e carapanaúba

(Araci Cordeiro, etnia Baré)

Ingredientes

Cipó saracura

Cascas da árvore carapanaúba

Modo de preparo

Coloque o cipó saracura e cascas de carapanaúba em dois litros de água. Não precisa ferver. Deixa soltar a cor e vai tomando como água.

• Chá de casca de sucuba

(Sandra Melgueiro, etnia Baré)

Ingredientes

Cascas do caule da árvore sucuba (que dê para encher uma mão)

Modo de preparo

Coloque as cascas de sucuba e 1 litro de água em uma panela. Espere ferver por cerca de 4 minutos. Deixe esfriar e coloque em uma garrafa. Tome três vezes ao dia antes do café da manhã, almoço e jantar.

• Chá caseiro

(Ilza da Silva Luciano, etnia Baré)

Ingredientes

3 limões galego

3 dentes de alho

Jambu e mangarataia (gingibre)

Modo de preparo

Deixe 1 litro e ½ de água ferver. Desligue o fogo e coloque as plantas dentro da panela. Tome o líquido três vezes ao dia (manhã, tarde e noite)

- **Chá contra o novo coronavírus**
(Cecília Albuquerque, etnia Piratapuia)

Ingredientes

3 folhas de mastruz
3 folhas de mucuracá
4 folhas de capim-santo
3 folhas de pirarucu
1 limão
1 dente de alho
5 folhas de jambu
2 colheres de mel

Modo de preparo

Lave bem as folhas. Cozinhe todos os ingredientes em 1 litro de água durante 10 minutos. Deixe esfriar um pouco. Coloque em um copo o equivalente a dois dedos de chá. Beba essa quantidade 3 vezes ao dia.

- **Xarope para crianças**
(Ilza da Silva Luciano, etnia Baré)

Ingredientes

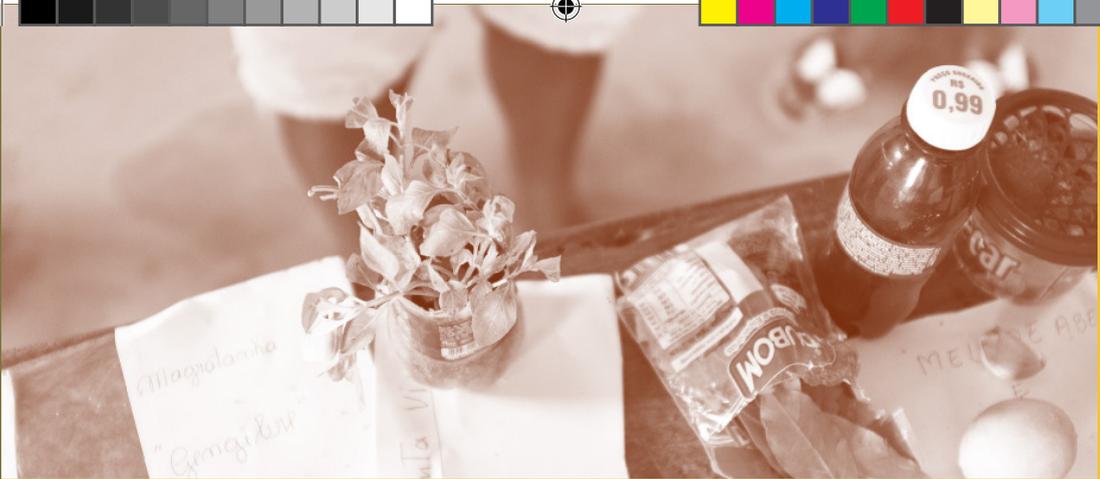
3 folhas de erva-cidreira
3 folhas de pirarucu
1 limão
3 dentes de alho
3 folhas de jambu e mangarataia branca
3 colheres de açúcar

Modo de preparo

Em uma panela, coloque 3 colheres de açúcar e deixe derreter e queimar um pouco. Em seguida, coloque os ingredientes na panela e acrescente um pouco de água. Deixe cozinhar até ficar como xarope. Em seguida, coloque três colheres de mel e vai dando para a criança.

- **Chá das folhas de maracujá**
(Geraldina Cardoso Dutra, etnia Tuyuka)

Ingredientes



- 1 caneco de água
- 4 folhas de maracujá

Modo de preparo

Coloque os ingredientes para ferver. Na primeira fervura, desligue. Deixe tampado. Faça por volta das 17h e beba quando for dormir. Também pode-se fazer o suco da fruta, batendo no liquidificador um copo de água e a polpa de 1 maracujá.

• Banho

(Ilza da Silva Luciano, etnia Baré)

Ingredientes

5 folhas de capim-santo, mucuracá, saracura e carapanaúba.

Modo de preparo

Esfregue e amasse as folhas na mão até que fiquem bem verdes. Coloque todos os ingredientes em uma vasilha tudo junto. Despeje água em temperatura ambiente e use no banho.

• Chá de capim-santo e benzimento

(Carmem Figueiredo Alves, etnia Wanano)

Ingredientes

5 folhas de capim-santo

1 litro de água

Modo de preparo

Lave as folhas de capim-santo com água. Coloque numa vasilha com um litro de água. Deixe ferver até a água ficar esverdeada. Retire do fogo, passe no coador. Coloque numa vasilha limpa.

Tome um copo do chá de manhã (6h), à tarde (12h) e à noite (18h), até o sintoma passar.





Acompanhe com o benzimento esse tratamento.
Participantes que contribuíram com receitas na troca de saberes:

Aparecida Batista da Costa • Baré
Araci Cordeiro • Baré
Cecília Barbosa Albuquerque • Piratapuia
Cledson Gomes Moreira • Tariana
Ercolino Jorge Araújo Alves (benzedor), etnia Desana, e sua esposa Carmem Figueiredo Alves, etnia Wanano
Geraldina Dutra, etnia Tuyuka, e seu neto Kauã Dutra, da etnia Baré
Gilmara Andrade • Desana
Ilza da Silva Luciano • Baré
Janete Mara Martins • Tariana
Jaqueline Cardoso Carvalho • Arapaso
Lara Cristiele • Baré
Margarida Dias Vaz • Tukano
Maria Cleomara da Costa Dias e sua irmã menor Lucineide da Costa Dias, etnia Tukano
Maria do Carmo Martins • Baniwa
Maria das Dores Almeida • Tariana

Maria da Silva Luciano • Baré
Olga Lúcia Ramos Matos • Tukano
Sandra Melgueiro • Baré

Artesãs e artesãos participantes da oficina (em ordem alfabética):

Araci Cordeiro • Baré
Carmem Figueiredo Alves • Wanano
Cecília Barbosa Albuquerque • Piratapuia
Cledson Gomes Moreira • Tariano
Ercolino Jorge Araújo Alves • Desano
Geraldina Cardoso Dutra • Tuyuka
Gilmara Andrade • Desano
Ilza da Silva Luciano • Baré
Inês de Lima Dias • Tukano
Janete Mara Martins • Tariana
Jaqueline Caldas Carvalho • Arapaso
Kauã Dutra • Baré
Lara Cristiele Cardoso • Baré
Lucineide da Costa Dias • Tukano
Margarida Dias Vaz • Tukano
Maria do Carmo Martins Piloto • Baniwa
Maria Cleomara da Costa Dias • Tukano
Maria das Dores Pádua Almeida • Tariana
Maria Hildete M. Araújo • Tariana
Maria Martins • Kubeo
Maria da Silva Luciano • Baré
Mayra Araújo dos Santos • Tariana
Olga Lúcia Ramos Matos • Tukano
Sandra Melgueiro • Baré

Convidadas:

Ana Amélia Handam (Instituto Socioambiental • ISA)
Juliana Radler (Instituto Socioambiental • ISA)
Luciana Uehara (ICMBio)
Raquel Uendi (Instituto Socioambiental • ISA)



O Instituto Socioambiental • ISA publicou em seu site (www.socioambiental.org) uma série de matérias sobre o uso de plantas medicinais contra a Covid-19 pelos indígenas no Alto Rio Negro. Entre essas matérias estão as entrevistas concedidas pela professora e artesã dona Cecília Albuquerque, da etnia Piratapuia, e pelo benzedor Ercolino Jorge Araújo Alves, da etnia Desana, que participaram da oficina da Assai.

Confira as entrevistas:





Plantas medicinais do Rio Negro: uma troca de saberes com a artesã Cecília Piratapuya

Pandemia de Covid-19 fortaleceu conhecimentos das etnias do Rio Negro; leia entrevista com uma das fundadoras da Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (Assai)

Conhecedora tradicional, professora, artesã, empreendedora, mãe de família. Depois de tratar a família contra a Covid-19 usando as plantas da medicina caseira, Cecília Barbosa Albuquerque, da etnia Piratapuya, vem promovendo a partilha desse conhecimento. Nascida no distrito de Iauaretê, em São Gabriel da Cachoeira, cidade no Amazonas cercada de floresta e comunidades indígenas, ela carrega consigo essa sabedoria. “Tudo que eu sei eu vou passar para o outro. O que eu sei, vou ensinar, como usar, como que faz”, disse. Cecília é uma das fundadoras da Associação dos Artesãos Indígenas de São Gabriel da Cachoeira (Assai) e aproveitou o período da

pandemia, quando a agenda de viagens para feiras foi suspensa, para propor que as artesãs e artesãos mostrassem as plantas utilizadas para protegerem suas famílias da Covid-19. Eles concordaram em promover a troca de saberes usados há gerações, mas ganharam uma nova força durante a pandemia.

E para desenvolver esse tratamento indígena contra a Covid-19, a atuação da mulher foi primordial. Cecília explica que o conhecimento sobre a planta quem traz é o homem, mas é a mulher quem cuida, troca as informações e procura saber como usar. Leia abaixo trechos da conversa feita com dona Cecília, que convidou o Instituto Socioambiental (ISA) para participar de uma atividade de intercâmbio de saberes sobre os remédios indígenas usados na pandemia na Assai.

Como surgiu a ideia da Assai realizar a oficina de plantas medicinais usadas pelos indígenas no combate à Covid-19?

Essa oficina de plantas medicinais a gente resolveu de fazer porque temos o apoio do projeto Fundo Casa Socioambiental. Não estava escrita essa oficina, pois era mais para a gente viajar e participar de feiras fora de São Gabriel. Como veio a pandemia, tudo atrapalhou. Quem apoia o projeto pediu para fazermos o replanejamento, mudar objetivo, colocar outras atividades. Eu pensei: já que estamos nesse período de doença, muita gente usou plantas medicinais. Vamos aproveitar e fazer essa oficina de troca de conhecimentos. Cada um de nós usa cada planta de uma forma diferente. Por exemplo, folha de corama (pirarucu) serve para muita coisa. Teve gente que não sabia que servia para câncer. Temos muita experiência e decidimos colocá-la em prática. A gente pensou também, se tiver casca, secar, participar de feiras e vender também. A maioria das artesãs que estava quando a gente sentou para refazer as atividades concordou. E também queremos produzir uma apostila sobre esses remédios para compartilhar o conhecimento.

Como foi a organização da oficina? Cada um trouxe sua planta?

Todos nós, em suas famílias, usou um tipo de remédio. Então, cada



qual deveria trazer o que foi preparado na sua casa. Vamos trazer, mostrar o que nós usamos. Depois tem que falar como prepararam.

De onde vem esse conhecimento? Como vocês descobriram que essas plantas poderiam ser usadas contra a Covid-19?

Muitas das vezes é assim: a gente tem todas essas plantas, mas a gente não sabia quais usar para essa doença, o Covid. Então quem conhece das plantas e ficou doente, começou a preparar receitas e foi compartilhando no WhatsApp. Outras plantas a gente usou em doenças de muito tempo. Por exemplo, mastruz, capim-santo: se servem para outras doenças, gripes, essas coisas, serve para coronavírus, que é uma gripe também. Então a gente foi testando. E deu certo para nós.

Qualquer pessoa pode preparar o chá?

Sim. Em geral criança e adolescente não estão nem aí para a doença.

Quando tem mais velho em casa, é ele que prepara e distribui o chá. Eu e minha irmã somos vizinhas. Eu preparo o meu chá, ela faz o dela. A gente troca. Nesse chá também acompanha o benzimento para cercar, quando se chama proteção para não piorar.

Como é o tratamento completo?

Chá e benzimento. Tem a vaporização também. A gente cozinha, faz chá, tira a tampa e a pessoa cheira o vapor que sobe. E depois coa e dá para a pessoa tomar. O chá que que a gente toma dura dois dias. Depois joga fora e prepara outro.

Pode usar o chá junto com o remédio receitado pelo médico e adquirido na farmácia?

Pode sim. Nós lá em casa tentamos usar paracetamol para diminuir a febre.

Normalmente os indígenas estavam usando seus próprios remédios ou indo ao hospital?

Maioria foi planta medicinal. Eu fiquei triste porque dois parentes meus de etnia faleceram. Porque não tomaram chá. Fui contra o que os médicos falam: fazer teste só quando tiver falta de ar. Poxa, quando falta ar ele já está é morrendo.

Com a pandemia houve a valorização do uso dos remédios tradicionais? Praticamente, já existia. O remédio caseiro a gente já usava. Só que veio fortalecer mais esse conhecimento. O chá que a gente usava para gripe tinha mastruz, mucuracá, alho, essas coisas. Ali a gente incluiu a folha de pirarucu e outras plantas. Fomos aperfeiçoando o nosso chá.

Como vocês perceberam que estava dando resultado?

Na minha família, por exemplo, muita gente teve. Quem não toma chá, vai parar no hospital. A gente vê que deu resultado porque é como se fosse gripe. Não dá tosse, febre durante um dia e vai passando. A gente sentiu falta de gosto na alimentação, quando falaram que esse era um dos sintomas. Então a gente já sabia que era isso que a gente



“Eu fiquei triste porque dois parentes meus de etnia faleceram. Porque não tomaram chá. Fui contra o que os médicos falam: fazer teste só quando tiver falta de ar. Poxa, quando falta ar ele já está é morrendo.”

já tinha pegado. A gente não fez testes. Minha irmã, meu cunhado foram fazer teste e deu positivo. Então a gente concluiu que pegou e curou.

Muitas dessas ervas já estão plantadas no quintal? Como vocês têm acesso a essas plantas?

Em família, a gente tem no quintal. A única coisa que peguei na floresta, na mata, foi a casa de taxi (formigas). A gente cozinha, faz chá e toma banho também. Algumas coisas tivemos que comprar. Soubemos do jambu nessa troca de informação. O jambu só lá na feira que tinha. Quem tinha passou a vender muito caro.

O chá deve ser tomado quantas vezes ao dia?

A gente tomava três vezes ao dia. De manhã, ao meio-dia e antes de dormir. Semprequentinho. Agora já não estamos tomando mais. Nessa pandemia vocês recorreram ao pajé também? Nessa pandemia a gente recorreu ao pajé foi para fechar o corpo. Não pegar e piorar.

Quais os principais remédios utilizados durante a pandemia?

Pelo que eu vi nessa oficina, teve mais assim: folha de pirarucu, jambu. Esses tiveram muita repetição. Mucuracá, alho, limão, mel. Mel entrou em todo chá. Mel a gente usa sempre pra gripe: limão, alho e mel.



Toda família usou no chá deles.

Quando a Covid-19 teve início, o Ministério da Saúde orientou como os médicos devem fazer, qual protocolo seguir. Os indígenas do Rio Negro criaram um jeito próprio para tratar a doença?

Vou falar da minha família. Falaram assim: se na família pegar coronavírus tem que isolar no quarto separado. Isso nós não fizemos. Só benzimento já fechou o corpo para proteger. A gente tomou chá, não ficamos isolados, fazendo quarentena. Em outras casas talvez fizeram.

Cada um usa seu próprio copo para tomar o chá?

Esse cuidado nós tivemos. Cada um com seu copo. Tudo separado, prato, copo, colher.

Vocês fizeram garrafada e xarope também?

Em casa, ninguém fez. Só mesmo chá. Na feira venderam muito xarope. O banho teve também. Para bebezinho a gente dava banho de folha de alho.

E o padu? E o tabaco? Foram usados?

Nós temos pé de padu grande no quintal, mas usamos mais as outras coisas. O que eu não trouxe foi breu branco usado para defumação. O tabaco no cigarro é usado. Também vela indiana, pois criança não gosta de tabaco. Se na família tem alguém que saiba benzer, faz, fecha o corpo.

Esse conhecimento das plantas medicinais vem principalmente das mulheres?

Não. Eu vou dizer que não. É mais dos homens. Eles que trazem para nós. Só que nós, mulheres, a gente se interessa mais, cuida mais da parte do conhecimento. Eles falam para nós, a gente vai passando para outras mulheres, as mulheres trocam, falam como fazem. Mas sem o trabalho da mulher não ia ter esse tratamento.



Ercolino Desana e os conhecimentos dos indígenas do Rio Negro contra a Covid-19

Benzedor conta como benzimentos e tratamentos tradicionais convivem em harmonia no combate ao novo coronavírus em São Gabriel da Cachoeira

Em novembro de 2019, o mundo ainda não sabia da existência da Covid-19. Mas naquele mês, seu Ercolino já sabia que algo de ruim vinha se aproximando. Ele sonhou com uma espécie de areia, que caía do ar e soterrava as pessoas. O sonho não era de todo ruim: nele aparecia seu avô, mostrando uma água que poderia ser usada contra a areia. O benzedor Ercolino Jorge Araújo Alves, de 60 anos, indígena da etnia Desana, vive em São Gabriel da Cachoeira, no Noroeste do Amazonas. "A água significava o benzimento para mim", diz ele, que vem sendo procurado para benzer pessoas durante a pandemia.



Foi nos antigos conhecimentos indígenas do Alto Rio Negro, no Amazonas, que seu Ercolino se amparou para fazer seus benzimentos. A varanda de sua casa, no Bairro Areal, ficou cheia de gente querendo proteção. “As pessoas diziam que estavam rezando para eu não adoecer e ajudá-las”, conta Ercolino. Ele chegou a atuar junto com médicos no atendimento a pacientes.

São Gabriel da Cachoeira é a cidade com maior concentração de população indígena do país. No município, há cerca de 45 mil habitantes, sendo 90% indígenas. Aproximadamente 27 mil pessoas vivem fora do núcleo urbano, em comunidades às margens do Rio Negro e afluentes. O município foi fortemente atingido pela Covid-19: até 15 de setembro eram 4.199 casos com 54 mortes. Mas os indígenas consideram que o número de mortes não foi maior devido ao uso de práticas tradicionais.

Os dois primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus foram confirmados na cidade no final de abril. E, mesmo antes da chegada da doença à cidade, os povos já estavam usando e trocando informações sobre quais plantas usar e como prepará-las contra a Covid-19. O uso de chás, defumações e banhos foi reforçado dentro das casas. Essas práticas não dispensam os benzimentos.

Aos 13 anos, seu Ercolino decidiu que queria ser benzedor. Passou então a estudar com seu avô, três tios e um irmão. Se formou seis anos depois, fazendo muito jejum e usando o paricá, uma mistura feita com casca de árvore (normalmente da árvore paricá) semelhante ao rapé e que tem o poder de abrir a mente. Atualmente, seu Ercolino já tem bastante experiência e não precisa mais usar o paricá.

Ele atendeu pacientes indígenas ao lado de médicos na Unidade de Atenção Primária Indígena (UAPI) Cachoeirinha dos Padres, mantida em São Gabriel em ação entre Distrito Sanitário Especial Indígena Alto Rio Negro (Dsei-ARN), Instituto Socioambiental (ISA), Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) e Expedicionários da Saúde (EDS). “Primeiro o médico estranhou a minha presença. Depois viu que estava dando resultado”, relembra. As UAPIs são estruturas implementadas no território indígena para atender casos leves e moderados da Covid-19, oferecendo suporte de oxigênio e evitando remoções.

Seu Ercolino tem o apoio de sua esposa, Carmem Figueiredo Alves,





da etnia Wanano. É ela quem prepara os chás que serão benzidos. Quando via a casa cheia durante os momentos mais críticos da pandemia, dona Carmem preocupava-se. Depois acabou ficando tranquila. “Não tinha para onde fugir”, diz. Todos os integrantes da família tiveram a Covid-19, mas ninguém apresentou quadro grave.

No início de setembro, na mesma varanda em que seus pacientes esperaram pelo benzimento, seu Ercolino contou um pouco sobre atuação dele na pandemia. Ficou emocionado e, por uns momentos, silenciou-se com lágrimas nos olhos para falar dos companheiros que perdeu para a doença: Higino Tenório (Tuyuka), Feliciano Lana (Desana), Laureano Cordeiro (Piratapuya) e Severiano Castilho (Desana) todos grandes conhecedores das tradições indígenas da região do Rio Negro.

Leia abaixo os principais trechos da entrevista.

Seu trabalho como benzedor foi muito procurado durante a pandemia?

Muito mesmo. Até com covid, o pessoal assentava nesse banco. E falavam “nós rezamos muito para o senhor não pegar esse covid, para nos ajudar a melhorar a nossa saúde.” Com o poder que pediram eu estou aqui ainda. Deus quis assim para mim.

Como a chegada da Covid-19 alterou seus benzimentos? O senhor teve que mudar sua forma de trabalhar por conta dessa doença nova? Quem não conhece diz que é nova, mas já aconteceu disso. Na época muitos dos idosos foram embora. Até perdi o meu avô, grande pajé que era paricado em Cruz da Redenção (perto do Distrito de Iauaretê) antes que os padres viessem nesse lugar no Alto Rio Negro. Eu estava na Colômbia na época de 1968 (São Gabriel da Cachoeira fica na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela), no afluente do Igarapé Arara. Lá teve essa doença que o pessoal chama nova agora atualmente. Os sintomas eram os mesmos. O meu avô foi-se embora. História muito grande.

(A região é marcada por epidemias de doenças como coqueluche, sarampo e malária, que atingiram fortemente os povos indígenas.)

Como o senhor faz o benzimento?

O benzedor benze o remédio. Fazia de capim-santo e referia tudo através do capim-santo. Eu mencionei todas as plantas que o pessoal usou aqui no Rio Negro contra a Covid-19. Só uma matéria-prima é visível, o resto é invisível, mencionado pelo benzedor. O benzedor não tem algumas coisas. Pega alguma coisa do remédio para mencionar outra que não está usado. Na mente dele, ele menciona todas essas ervas. Pede à mãe natureza para, por meio desse remédio, poder proteger, poder cuidar. É assim que funciona o benzimento. Cada benzedor tem sua oração própria, específica para abrir a mente.

Eu por mim não posso pegar na matéria para poder benzer. Alguém tem que me ajudar para fazer esse trabalho. A minha esposa sempre me ajuda. Minha mulher é quem todo dia pega as plantas no quintal, faz o chá. O que sobra, joga fora. Trabalhamos juntos. Ela é maior lutadora que luta comigo pela saúde. Trabalho, na doença, na tristeza e alegria. Tudo a gente compartilha.

Tá vendo como é a vida de um benzedor? O benzedor não pode dizer: me dá que vou benzer. O próprio paciente vê o benzedor e pede: me ajude, me benze. A pessoa traz o material, o suco dela. Porque não fala que eu preparei e coloquei veneno. Não vai dizer nada, pois ela que prepara. Só fico na frente dela rezando.

Os doutores têm um remédio. Para saber o remédio, ele vai folheando. Para o benzedor, não. A gente pergunta para a pessoa, para o paciente, como ele está se sentindo. E o benzedor pensa: 'é desse jeito que vou benzer'. O meu finado tio Venceslau me falava que antes de começar o benzimento mascava padu [coca] e fumava tabaco. Dizia que estava abrindo a mente dele. "Vou folhear meu livro da ciência", dizia.

Não é só essa máscara que protege. O nosso corpo é cheio de furo. A proteção também precisa de defumação, quando invisivelmente o benzedor coloca essa máscara.

Contra a Covid-19 tem alguma substância diferente mencionada?

Tem uma coisa nova que puxei daqui do material que se usa, paricá do cigarro. O paricá o pajé coloca no nariz. Usa osso do gavião, do



jaburu e do mutum para colocar o pó no nariz.

Com o paricá, o mundo vira a nossa cabeça, a gente sai do nosso corpo, mais do que bebida. O mundo cai como se fosse um campo. Caiu tudo. A gente vê do nascente ao poente, do leste ao oeste. Durante a covid não precisei do paricá. O meu corpo já estava protegido. O que mais puxei foi sobre limão, tangerina, laranja, limas e tudo isso aqui mencionado pelo benzedor. Uma coisa que a gente já vem benzendo se tem tosse é uirapixuna.

De onde veio o conhecimento que o senhor utilizou para fazer os benzimentos durante a pandemia?

Quando eu estava com 13 anos eu comecei a estudar a nossa tradição própria, que sou Desana Duhpotiro [pronuncia-se dipótiro e refere-se à sexta geração desse clã], que o pessoal chama. Aí eu fui lá interessado em estudar com meus avós. Foi passado para meus pais e depois pelo meu tio, outro tio... Então tenho cinco professores. Meu pai, três tios e meu irmão.





“Minha mulher é quem todo dia pega as plantas no quintal, faz o chá. O que sobra, joga fora. Trabalhamos juntos. Ela é maior lutadora que luta comigo pela saúde. Trabalho, na doença, na tristeza e alegria. Tudo a gente compartilha.”

Até agora, o que se sabe é que a Covid-19 surgiu na China e está ligada ao consumo do morcego. O senhor relatou anteriormente sobre um conhecimento de casas de morcego. Como é isso?

Quando eu vi pelo jornal que essa doença veio dos morcegos, a minha cabeça funcionou. Os meus avôs me disseram que a casa do morcego tem a doença mais contagiosa, mais brava de tudo. Ninguém pode mexer nessa casa. Essa é a minha história. Eu “folheei” na minha cabeça sobre a época que eu estava estudando. Nessa época de 13, 14, 15, 16 e 17, até 19 anos. Aí eu terminei meu curso dos antepassados. Eu escutei dessa doença e já sabia como era benzimento. Já me ensinaram. Até agora ninguém passou muito mal aqui na minha casa. Eu benzi, protegi tudo, benzendo com água, com suco. Tudinho. Assim que foi.

As novas gerações se interessam por aprender as práticas de benzimento?

O benzedor é mais estudado, mais jejuado. Eu não era desse jeito no meu corpo. Era fininho na minha cintura. Eu estava comendo só manivara [formiga]. Não comia comida quente, churrasco não comia. Enquanto estudava, tudo isso era jejum para ser o doutor. Mas neste momento é mais difícil para os jovens. Agora as músicas eletrônicas estragam demais. Lá no interior eu aprendi tocando cariçu, tocando japurutu, tomando caxiri, mascando padu. Não me arrependo de ser doutor. Por outro lado, é mais fácil aprender agora



com o benzedor. O celular já vai gravar o que eu estou falando. Mas ao invés de escutar o som e a música, pode escutar várias vezes o que o benzedor fala, vai repetindo e aprendendo.

Durante a pandemia o senhor atendeu na Unidade de Atendimento Primário Indígena da Cachoeirinha dos Padres (Uapi) em conjunto com os médicos do Distrito Sanitário Especial Indígena do Alto Rio Negro (Dsei-ARN)?

Primeiro consultaram o Comitê (de Enfrentamento e Combate à Covid-19) para saber se eu podia ir lá atuar. Todos concordaram. Todo dia o médico vinha me buscar. Outro médico perguntava: 'o que ele vai fazer agora?'. Depois de três dias, ele foi reconhecendo o trabalho, vendo que também sou doutor na minha tradição. Por 15 dias eu trabalhei na Cachoeirinha dos Padres.

Eu benzi e dei dicas de como tomar o chá. Um velho já estava lá nas últimas, tinha 83 anos. Sobreviveu, já está por aí. Ele veio me agradecer. Quando cheguei lá, falou: "Já estou nas últimas". Eu disse: "Não pense disso que vou te ajudar, vou segurando a sua vida." Peguei água e o capim-santo que eu preparei e segurei. No outro dia, quando cheguei, ele disse que tinha melhorado. Eu uso o cigarro também. Cada grupo étnico tem doença diferente.

Na área dos médicos, eles agem da forma que aprenderam. Eu vou fazer do jeito que eu aprendi. Juntando duas peças nós vamos curar mais rápido. Quando a gente anda de mãos dadas, a sabedoria tradicional e a medicina ocidental, fica mais fácil curar.

O senhor está repassando seus conhecimentos?

Meu filho já é um benzedor tradicional. Quando ele não sabe, ele volta e pergunta. Dois meses atrás ele estava aqui. Ele curou muitos também dessa Covid-19, também lá no Papuri.

Para o senhor, o que está sendo mais marcante nessa pandemia?

Para mim o marcante, o mais emocionante, foi que perdi (silencia-se e

chora) quatro companheiros meus. Seu Higino, seu Feliciano Lana, seu Laureano e seu Severiano Castilho. Grupo muito unido tratando desse benzimento, entrando de casa em casa, casas de transformações (lugares sagrados). A gente se via discutindo. Esse me marcou a minha vida. Isso que me dói.

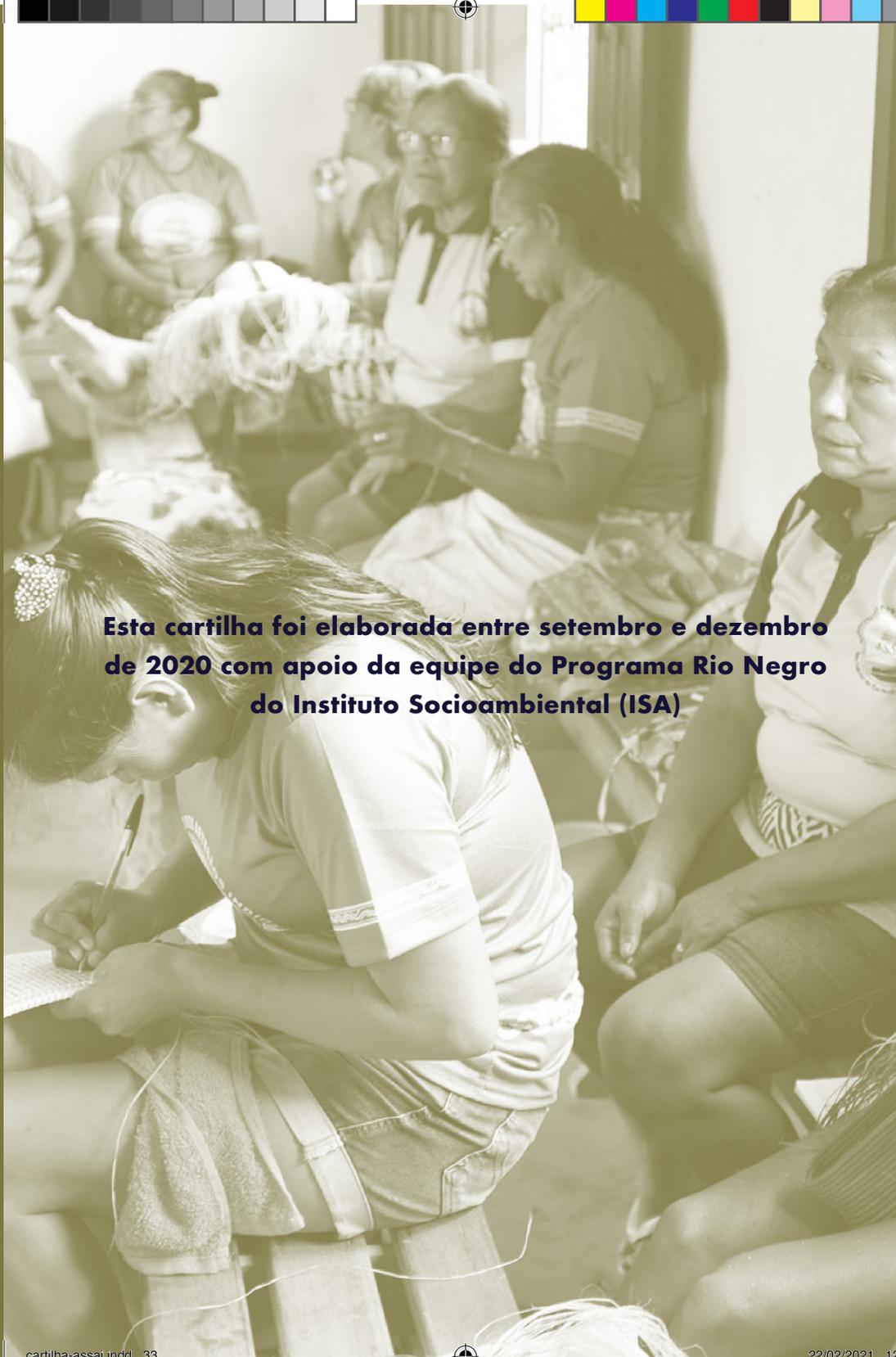
O senhor teve algum aviso sobre essa doença?

No meu sonho eu sonhei assim, antes desse covid vir para cá. Sonhei em novembro. Sonhei que vinha como se fosse no deserto, areia vinha caindo em cima da gente. Aí o meu avô apareceu na minha costa dizendo: 'pega essa água'. Tinha seis baldes atrás de mim. 'Joga essa água lá na areia, vai parar'. Dito e feito. Eu peguei no meu sonho e joguei na areia que estava soterrando as pessoas. Eu joguei e parou. Só que alguma coisa passou assim do lado. Acordei e pensei: agora acho que consegui. Vai passar tranquilo, não vai matar muita gente. Era essa doença do covid que vinha, soterrando e matando muita gente. Mas tinha uma solução. A água significava o benzimento para mim.

Veja mais também:

National Geographic Brasil: Indígenas recorrem à medicina tradicional no tratamento contra a covid-19 (Por Gabi Di Bella com fotos de Christian Braga)

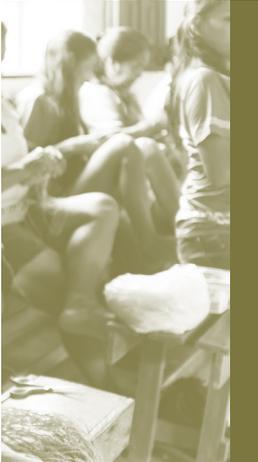
<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2020/07/indigenas-recorrem-a-medicina-tradicional-no-tratamento-contra-a-covid-19>



Esta cartilha foi elaborada entre setembro e dezembro de 2020 com apoio da equipe do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (ISA)









realização

apoio



Fotos da cartilha • Raquel Uendi • ISA

